

TEATRO

11, 12 JANEIRO 2018

# À nous deux maintenant

Agora nós os dois A partir de *Un Crime*  
de Georges Bernanos. Um espetáculo  
de Jonathan Capdevielle

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

**Culturgest**



**Concepção, adaptação e encenação** Jonathan Capdevielle **Interpretação** Clémentine Baert, Jonathan Capdevielle, Jennifer Hutt, Dimitri Doré, Jonathan Drillet, Michèle Gurtner **Consultor artístico / assistente de encenação** Jonathan Drillet **Concepção e realização cenográfica** Nadia Lauro **Construção da cenografia** Oficinas de Nanterre-Amandiers (Marie Maresca, Michel Arnould, Gabriel Baca, Théodore Bailly, Mickaël Leblond) **Luzes** Patrick Riou **assistido por** David Goulou **Criação sonora e musical** Vanessa Court, Arthur B. Gillette, Jennifer Hutt, Manuel Poletti **Composição musical** Arthur B. Gillette **Operação de som** Vanessa Court **Colaboração informática musical** IRCAM Manuel Poletti **Sintetizador modular Ray imaginado e construído por** Benoît Guivarc'h **com circuitos de** Ray Wilson **Figurinos** Colombe Lauriot Prévost **Direção de cena** Jérôme Masson **Olhar exterior** Virginie Hammel **Produção, difusão, administração** Fabrik Cassiopée (Isabelle Morel, Manon Crochemore & Romane Roussel) **Agradecimentos** Safia Benhaim, Marie Etchegoyen, Lundja Gillette, Laurence Viallet **Produção delegada** Association Poppydog **Coprodução** Le Quai (Angers), Nanterre-Amandiers, Festival d'Automne à Paris, CDN Orléans, manège (Reims), Théâtre Garonne (Toulouse), L'Arsenic (Lausanne), Le Parvis (Tarbes), IRCAM (Paris) **Apoio** King's Fountain **Ajuda** CND (Pantin), La Villette – Résidence d'artistes 2016, Quartz (Brest), Montévidéo, Créations Contemporaines – Atelier de Fabrique Artistique **Estreia** 6 de novembro de 2017, Le Quai, Angers

**Qui 11, sex 12 de janeiro**

**20h30 · Grande Auditório · Duração: 3h · M14**

**Espetáculo em francês, com legendas**

Um jovem pároco acaba de chegar a Mégère, pequena aldeia dos Alpes. Mal se instala no presbitério, eis que é acordado de noite por gritos e um disparo. Uma velha morta é encontrada e, no seu jardim, um homem mergulhado num coma. Através de um inquérito tentacular, Bernanos afasta-se do policial clássico e prefere o sonho à realidade. Este padre fora do comum, “que atrai para o seu centro os inocentes e os culpados”, dissimula um verdadeiro sofrimento vindo do berço e de uma relação amorosa tornada impossível. A sotaina torna-se então uma forma de agir sobre o que o rodeia e de acertar as suas contas. Bernanos descasca o ambiente deste falso padre com minúcia, tal como o carácter rude e hostil destes territórios isolados e a personalidade destes aldeões.

## **Nota de Intenções**

Em 2008, participei enquanto intérprete numa emissão de ficção radiofónica da France Culture, realizada por Jean Couturier. Tratava-se de uma adaptação do romance policial *Un Crime* de Georges Bernanos. Eu interpretava então o papel do pároco de Mégère. Na altura, tinha-me impressionado muito esta obra singular que trata com humor negro e emoção a questão da identidade e da condição humana.

Nasci nos Pirenéus, ao pé de Lourdes. Passei a infância e a adolescência numa aldeia de província. Cruzei-me desde a mais tenra idade com estas personagens por vezes emblemáticas do campo, com a sua franqueza, as suas tradições. Criança, guardo a recordação de ter estado fascinado pela figura impenetrável do padre, que observava por ocasião dos casamentos e dos enterros ou quando eles deambulavam em grande número nas ruas de Lourdes durante as peregrinações do mês de Agosto. Tenho ainda em mim estas atmosferas, estas imagens; esta relação terna e difícil com o interior do país ressoa no meu trabalho que se articula em volta da autoficção.

Georges Bernanos descasca com minúcia o carácter particular destes territórios isolados e a personalidade destes aldeões. É uma personagem atípica que está no centro da intriga, uma mulher com uma missão mortífera que se esconde sob o hábito de Deus e que age nos antípodas dos princípios e dos valores que preconiza a religião católica. O autor difunde o seu pensamento pela

voz do narrador e pela das diferentes personagens que gravitam em torno do pároco. Correndo o risco de perdê-lo, deixa o leitor livre para conduzir o inquérito, por mais complexo e impossível que seja.

O pároco de Mégère, interpretado por esta mulher, exerce um estranho poder de sedução e de persuasão, provocando assim uma espécie de caos numa organização aparentemente sólida. As histórias pessoais e as falhas de cada um dos protagonistas são reveladas e os seus sentimentos exacerbados. Penso por exemplo no jovem órfão que se liga à figura ambígua do adulto travestido e estabelece com ele uma relação terna e cruel, uma confiança quase maternal que o leva a agir perigosamente.

Ao manipular a simbologia religiosa e os seus ícones, Georges Bernanos inventa um inquérito policial original que maneja a estranheza, a fantasia e o horror sem deixar de preservar um quadro complexo no qual os sentimentos humanos permanecem ancorados no real.

Desejo pôr em cena a representação desta jovem mulher travestida com uma personalidade turva e atraente. Uma Heroína trágica que puxa os cordelinhos de um guião empírico e que provoca nos outros a confusão dos sentimentos. Desejo que os atores naveguem neste labirinto “bernanosiano” enquanto trabalham sobre a multiplicação dos papéis representados e as diferentes qualidades de interpretação do texto, que oscilará entre realismo e exaltação. Gosto que as personagens sejam por momentos atravessadas por choques

emocionais intensos e que a fronteira entre a realidade, o sonho ou o pesadelo se torne ténue. Vou trabalhar igualmente sobre o corpo e o movimento dos intérpretes em palco. Georges Bernanos descreve muito bem esta energia física que caracteriza cada uma das personagens do romance.

Ainda que escrito em 1935, este romance que namora o fantástico desenvolve temáticas e tabus intemporais, que hoje podem ainda propor questionamentos profundos no quadro das artes performativas.

No meu entender, *Un Crime* traz consigo um discurso simultaneamente íntimo e universal e interroga a religião de maneira original. A ambivalência e a homossexualidade subentendidas criam a perturbação, e o hábito aqui não faz o monge. O autor convida-nos a tomar caminhos de reflexões cada vez mais perturbantes, a sair dos carreiros batidos da moral cristã. Ao interrogar o funcionamento dos diferentes poderes, o romance destaca os fortes preconceitos de uma sociedade contemporânea que quer tender para uma certa normalidade.

Parece-me importante restituir os diferentes lugares em que se desenrola a ação, os espaços interiores e exteriores. Agem sobre a intensidade das cenas representadas no sentido em que condicionam o comportamento, o estado físico e mental das personagens. O quarto é frequentemente o lugar da intimidade, da confissão, da reflexão, do sonho, do pesadelo, da doença e da morte.

Os lugares exteriores, como o campo, representam uma espécie de escapadela

selvagem, cujo clima que oscila entre o mau tempo, as tempestades e as abertas acentua a cor sombria e romântica das situações e dos dramas que se representam. Ao contrário do espaço fechado, a natureza tem esta capacidade de favorecer a introspecção. De modo a revelar as cenas exteriores, quero criar um movimento entre as que se representam em palco e a sua continuidade fora-de-campo.

Para pôr em cena estes diferentes espaços, será criada uma cenografia pela artista plástica Nadia Lauro. Para além disso, será empreendido um trabalho consequente sobre o som e a luz de modo a que o público possa visualizar o interior ou imaginar o exterior e, por um efeito de zoom, ser a testemunha privilegiada da intimidade das personagens.

**Jonathan Capdevielle**

Abril de 2016

Que é então *Un Crime*? Um romance policial, sem dúvida, que obedece a um certo número de exigências do género, mas um romance policial falhado, em certa medida porque não chega a responder totalmente aos imperativos de verosimilhança e de coerência realistas próprias deste mesmo género. Porque esta incapacidade? Precisamente porque “o sonho interior” tem mais força que todos os constrangimentos genéricos e acaba por fazer explodir os diques da razão para deixar correr o fluxo da imaginação criadora.

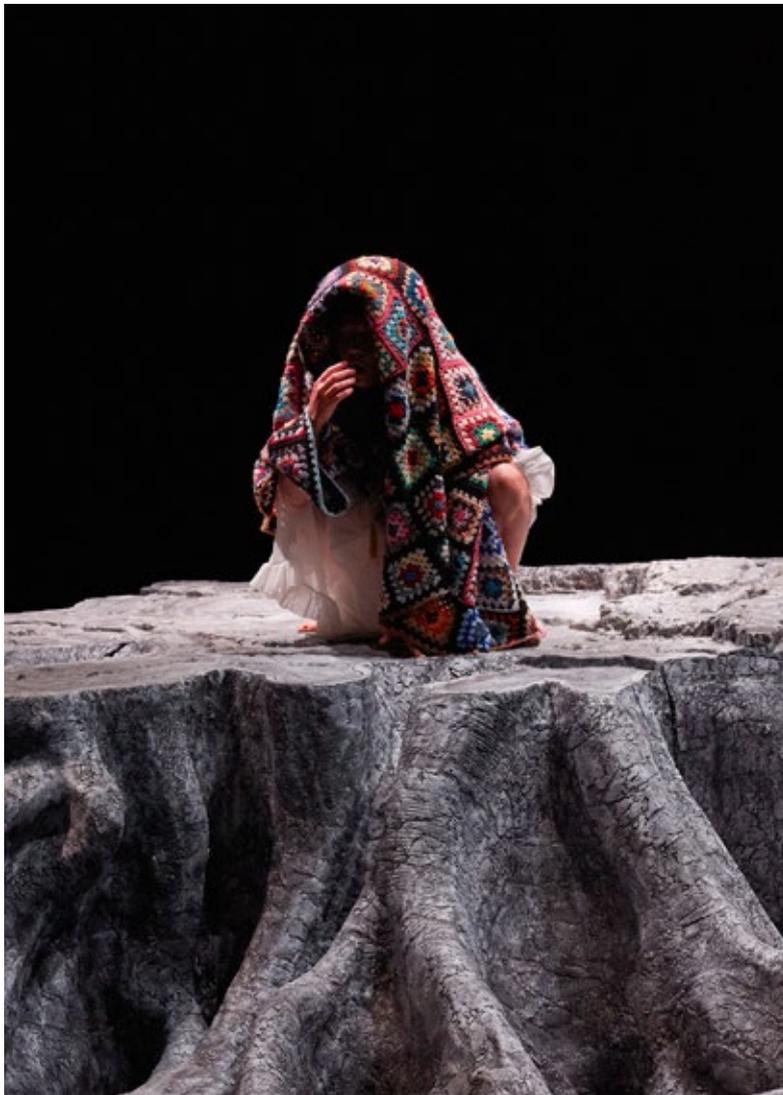
**Elisabeth Laganec-Sadoulet**

Introdução a *Un Crime*, La Pléiade, 2015

O juiz ao inspetor: “Acontece-lhe ter sonhos, (...) sonhos verdadeiros, sonhos cuja lógica e verosimilhança são tais que parecem prolongar-se mais além, tomar o seu lugar nas nossas recordações, passando a pertencer ao nosso passado?”

**Georges Bernanos**

*Un Crime*, 1935



© Pierre Grosbois

## Jonathan Capdevielle

Jonathan Capdevielle nasceu em Tarbes em 1976 e vive em Paris. Formado na École Supérieure Nationale des Arts de la Marionnette, Capdevielle é um artista fora da norma: ator, marionetista, ventríloquo, bailarino, cantor.

Participou em diversas criações, entre as quais: *Personnage à réactiver* de Pierre Joseph (1994), *Performance* com Claude Wampler (1999), *Mickey la Torche* de Natacha de Pontcharra (enc. Lot Achour, Túnis, 2000), *Les Parieurs* e *Blonde Unfuckingbelievable Blond* (enc. Marielle Pinsard, 2002), *Le Golem* (enc. David Girondin Moab, 2004), *Le groupe St Augustin*, *Le Dispariteur*, *Monsieur Villovitch*, *Hamlet* e *Marseille Massacre* (atelier de création radiophonique – France Culture, enc. Yves-Noël Genod, 2004-2010), *Bodies in the cellar* (enc. Vincent Thomasset, 2013). No cinema, fez o papel de Nicolas em *Boys Like Us* de Patrick Chiha (2014).

Colaborador de Gisèle Vienne desde as suas primeiras encenações, foi intérprete em quase todas as suas peças: nas realizadas por Étienne Bideau Rey e Gisèle Vienne – *Splendid's* de Jean Genet, *Showroomdummies* (2001 e 2009) e *Stéréotypie* (2003) – e nas encenações de Gisèle Vienne *I Apologize* (2004), *Une belle enfant blonde/A Young, Beautiful Blonde Girl* (2005), *Kindertotenlieder* (2007), *Jerk*, peça radiofónica (2007), *Jerk*, solo para um marionetista (2008, no FIMFA/Teatro Maria Matos em 2011), *Éternelle idole* (2009), *This is how you will disappear* (2010), *LAST SPRING*:

*A Prequel* (2011) e *The Ventriloquists Convention* (2015). Gisèle Vienne, Dennis Cooper, Peter Rehberg e Jonathan Capdevielle publicaram em 2011 o audiolivro *Jerk/À TRAVERS LEURS LARMES* em francês e em inglês.

Em 2007, criou a performance/recital *Jonathan Covering* no festival Tanz im August em Berlim, ponto de partida da criação da peça *Adishatz/Adieu* (2009, na Culturgest em 2016). Em 2011, apresenta *Popydog*, criado em colaboração com Marlène Saldana, no Centre National de la Danse – Pantin e em 2012, por encomenda do festival far° de Nyon, propõe *Spring Rolle*, um projeto *in situ* com Jean-Luc Verna e Marlène Saldana.

Com *Saga*, criada em fevereiro de 2015, Jonathan Capdevielle abre um novo capítulo da narrativa autobiográfica trabalhando sobre episódios do romance familiar, com as suas personagens emblemáticas e peripécias. Uma exploração das fronteiras entre ficção e realidade, entre presente e passado.

Jonathan Capdevielle é artista associado do Quai/Centre Dramatique National d'Angers – Pays de la Loire.

## Clémentine Baert

Depois de estudar na ERAC (École régionale d'acteur de Cannes), atua sob a direção de, entre outros, Georges Lavaudant, Bernard Sobel e, mais recentemente, Christophe Fiat e Oriza Hirata. As suas colaborações regulares nos projetos de Robert Wilson entre 1998 e 2002, em Nova Iorque, fizeram dela uma artista cosmopolita e

singular. Desde 2003, é intérprete em numerosas peças de Pascal Rambert, nomeadamente *Paradis, After/Before, Pan!, Mon fantôme, Toute la vie e Micro histoire économique du monde dansée*, que foram apresentadas em França e no estrangeiro.

No cinema trabalhou com Jean-Charles Fitoussi, Emmanuel Mouret, Siegfried Alnoy, Olivier Dahan, Philippe Lioret e recentemente Wim Wenders.

Em 2006 cria *ECHO*, um projeto pluridisciplinar com Alexandre Meyer, uma ópera rock contemporânea em volta do mito de Eco nas Metamorfoses de Ovídio. Cria em 2015 o solo *Alors, est-ce que c'est là?* no Théâtre de Vanves (apresentado no T2G Centre Dramatique National de Gennevilliers e no TDB Centre Dramatique National de Dijon) e *Un matin*, espetáculo para um público infanto-juvenil apresentado no T2G.

---

### Dimitri Doré

Ator formado na escola de teatro L'Éponyme à Paris. Nascido na Letónia, foi adotado em dezembro de 1998 em Reims. Desenvolve desde cedo um gosto descomedido pelo palco. Apresentador de galas, trapezista ou clown, integrou em 2014 a opção de teatro do liceu Marc Chagall.

---

### Jonathan Drillat

Ator, encenador e autor. Trabalhou com Jonathan Capdevielle em três projectos: *Adishatz/Adieu, La Coupe Bruce e Saga*, enquanto assistente de encenação ou intérprete. Anteriormente, trabalhou

em dança, mas também em teatro, rádio, televisão e artes visuais, colaborando tanto com Ryan Kelly e Brennan Gerard como com Raimund Hoghe, Hubert Colas, Alexis Fichet, Christophe Honoré ou Théo Mercier.

Desde 2008 escreve e encena os seus próprios espetáculos com Marlène Saldana, entre os quais *Dormir Sommeil Profond, l'Aube d'une Odyssée*, peça sobre a África francófona e os Negócios Estrangeiros criada no CDN de Gennevilliers, ou, mais recentemente, *Fuyons sous la spirale de l'escalier profond*, um bailado neorromântico em forma de contra-biopic sobre o casal Bergé-Saint Laurent, criado na Ménagerie de Verre, em Paris. Em 2016 fazem uma leitura encenada de um texto de Margret Kreidl para o festival Actoral (Marselha), uma performance para o clube Silêncio (Paris) e uma recriação do projeto *Spokaoko* da encenadora americana Annie Dorsen (Gennevilliers). Em 2017 criaram um novo espetáculo no Centre National de la Danse (Pantin) e colaboraram novamente com Théo Mercier para a criação da sua segunda peça (*La Fille du Collectionneur*, Nanterre-Amandiers).

---

### Michèle Gurtner

Atriz e performer formada na École Dimitri. Depois da sua formação trabalhou com diversos coletivos. Foi igualmente intérprete para Oskar Gomes Mata da companhia L'Alakran, Christian Geoffroy-Schlittler, Marielle Pinsard, Sébastien Grosset, para o grupo Grand Magazin, bem como para os coreógrafos Marco Berrettini e Foofwa d'Imobilité.

Integra durante dois anos consecutivos o coletivo do Grü em Genebra, dos quais um ano consagrado ao laboratório de inferno, pesquisa sobre o Inferno de Dante, sob a direção, entre outros, de Maya Bösch, Pascal Rambert e Marco Berrettini.

Mais recentemente juntou-se ao trabalho do encenador Vincent Thomasset como intérprete, bem como dos videastas Alain Della Negra e Kaori Kinoshita.

Paralelamente ao seu trabalho de intérprete, tem vindo a desenvolver uma pesquisa coletiva e performativa com o coletivo GREMAUD/GURTNER/BOVAY. Desde 2009 elaboram um catálogo de formas curtas e outras mais longas.

---

### Jennifer Hutt

Compositora para cinema, documentários de televisão e *performances* artísticas. Está ativa na cena internacional enquanto multi-instrumentista ao lado de artistas como Bonnie Prince Billy, Celebration, Arbouretum, Atome Primitif, Nidi d'Arac e Faren Khan. Está atualmente em digressão com a banda Wati Watia de Moriarty e em palco tocando o sintetizador modular em *À nous deux maintenant* de Jonathan Capdevielle.

As suas composições puderam ser ouvidas numa centena de teledocumentários em França. As suas *performances* incluem composições encomendadas pela Quadrienal de Praga, o Museu de Arte Moderna de Frankfurt, o Instituto do Mundo Árabe e o Festival da Curta-Metragem em Paris.

É fundadora do coletivo MUMI prod, sediado em Paris e Baltimore (a sua cidade natal). Este grupo é formado por compositores especializados na música para a imagem.

Tem um mestrado em teatro pela Universidade de Towson.

---

### Nadia Lauro

Coreógrafa e artista plástica sediada em Paris, desenvolve o seu trabalho em diversos contextos (espaços cénicos, arquitetura da paisagem, museus). Concebe dispositivos cenográficos, ambientes e instalações visuais que geram maneiras de ver e de estar em conjunto inéditas. Colabora com os coreógrafos Vera Mantero, Benoît Lachambre, Frans Poelstra, Barbara Kraus, Emmanuelle Huynh, Fanny de Chaillé, Alain Buffard, Latifa Laabissi e Jennifer Lacey, com a qual coassina diferentes projetos. Em 2007 as Presses du Réel publicam *Jennifer Lacey & Nadia Lauro – dispositifs chorégraphiques* de Alexandra Baudelot. Recebe um prémio Bessie em 2000 em Nova Iorque pela concepção visual de *\$\$Shot* (Lacey/Lauro/Parkins/Cornell).

Em 1998, funda com o arquiteto Laurence Crémel a associação Squash Cake Bureau, onde cria arranjos paisagísticos e mobiliário urbano.

Coreografa igualmente o concerto *Transhumance* (Cocorosie, Nadia Lauro, Gaspard Yurkévitch) no Centre Georges Pompidou. Concebe as instalações/*performances Tu montes, As Atletas e I hear voices* em diversos lugares da Europa, no Japão e na Coreia, bem como *La*

*Clairière* (Fanny de Chaillé / Nadia Lauro) no Centre Pompidou.

### Patrick Riou

Depois de vários anos de estudos no Conservatório de Música de Toulon e de formação em manufatura de instrumentos de corda, estreia-se no mundo do espectáculo ao lado do coreógrafo François Verret. Descobre então uma paixão pela dança junto de grandes iluminadores como Rémy Nicolas, Jacques Chatelet, Pierre Colomère... Estas experiências permitem-lhe trabalhar nos universos variados das coreografias de Joseph Nadj, François Raffinot, Karine Saporta, Kubilai Khan Investigation, Catherine Berbessous e Angelin Preljocaj, para os quais assina regularmente o desenho de luzes.

Criou as luzes dos espetáculos de Gisèle Vienne *Showroomdummies* (2001, reescrita em 2009), *I Apologize* (2004), *Une belle enfant blonde / A Young, Beautiful Blonde Girl* (2006), *Kindertotenlieder* (2007), *Jerk* (2008), *Éternelle idole* (2009), *This is how you will disappear* (2010), *LAST SPRING: A Prequel* e *The Pyre* (2013).

Depois de *Adishatz/Adieu* (2009) e *Saga* (2015), *À nous deux maintenant* é a sua terceira colaboração com Jonathan Capdevielle.

### Arthur Bartlett Gillette

Nasceu em França em 1976 de pais norte-americanos. Foi guarda noturno num hotel, podador de oliveiras, consultor de gestão pública, colecionador

de sons e de músicas, compositor e escritor de canções (fundador do grupo Moriarty) e de bandas sonoras e produtor radiofónico.

Desde 2001, coleciona sons e músicas pelo mundo. Alguns encontram-se nos discos de Moriarty. Um disco-livro sobre uma recolha entre 2001 e 2002 na África Ocidental e no Mississippi está em preparação com a Rorhof (editora italiana sediada em Bolzano).

### Próximo espetáculo

## Huntsville

Ciclo "Isto é Jazz?"  
Comissário: Pedro Costa



**Jazz Sex 12 de janeiro**

Pequeno Auditório · 21h30 · Duração: 1h · M6

Grupo saído da prolífica cena experimental norueguesa. As matrizes podem ser as do jazz e do rock mas as influências chegam até ao imaginário típico da *folk* americana e da música tradicional indiana.

### Próximo espetáculo de teatro

## Se eu vivesse tu morrias

de Miguel Castro Caldas

© Vitorino Coragem



**Teatro Ter 6, qua 7, qui 8 de fevereiro**

Palco Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M16

Regressa à Culturgest um dos espetáculos mais convincentes dos últimos anos. Os atores e o texto conseguem ser tanto de papel como de carne, árvore e animal, e o livro que os espectadores recebem no início é um jogo novo para jogarmos.

**Mais informações em [www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)**

## Conselho Diretivo

### Presidente

Paulo Moita de Macedo

### Administradores

José Ramalho  
(Direção Executiva)  
Mark Deputter  
(Direção Artística)

### Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)  
Pedro Santos (Música)  
Liliana Coutinho (Debate  
e encontros)  
Francisco Frazão (assessor  
Teatro temporada 2017-2018)  
Gil Mendo (assessor Dança  
temporada 2017-2018)

### Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos  
João Belo  
Tiago Cruz (estagiário)

### Direção de Produção

Margarida Mota

### Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez  
Mariana Cardoso  
de Lemos  
Jorge Epifânio

### Coordenação de Produção das exposições

Mário Valente

## Produção das exposições

António Sequeira Lopes  
Paula Tavares dos Santos  
Fernando Teixeira

### Culturgest Porto

Susana Sameiro

### Comunicação

Filipe Folhadela Moreira  
Bruno Pereira

### Publicações

Maria João Santos  
Rosário Sousa Machado

### Atividades Comerciais

Catarina Carmona

### Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira  
Paulo Silva  
Teresa Figueiredo

### Direção Técnica

José Rui Silva

### Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

### Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coord.)  
Ricardo Guerreiro  
Suse Fernandes

### Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)  
Vitor Pinto

## Maquinaria

Nuno Alves (chefe)  
Artur Brandão

### Técnico de palco

Vasco Branco

### Frente de Casa

Rute Sousa

### Bilheteira

Manuela Fialho  
Edgar Andrade  
Clara Troni

### Receção

Sofia Fernandes

### Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

### Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real  
Miguel Caissotti  
Lúcia Marques  
Maria Manuel Conceição  
Jennifer do Coito (estagiária)  
Carolina Machado  
(estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de  
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,  
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55  
[www.culturgest.pt](http://www.culturgest.pt)

---

## Culturgest, uma casa do mundo

---